

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Giramundo:
A base de uma
boa alimentação

A força do rádio



Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

ISSN 1678-0141



9 771678 514252 00025



DIOG Q

NÓS DA ESCOLA

ano 3 nº 25

2005

editorial

Rádio e mídia de qualidade **4**

cartas

Literatura **5**

ponto e contraponto

popular por excelência **6**

atualidade

Bienal vai homenagear a França **9**

Pioneiro do ensino público **11**

pé na estrada

Integração total na Maré **13**

zoom

Onde você sintoniza? **16**

capa

A vez das comunitárias **18**

artigo

Rádio, mídia local em transformação **24**

carioca

Um caleidoscópio coreográfico **25**

professor on-line

Monte sua rádio escolar **27**

olho mágico

Interação com todas as unidades **30**

A distância da 10ª CRE **31**

rede fala

Educação e alfabetização **32**

agenda

Cursos, seminários, exposições **33**

tudoteca

Dicas de livros, filmes e vídeos **34**

cartaz

Bicentenário de Hans Christian Andersen

giramundo

5 ao dia



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia Prefeito • Sonia Mograbi Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • Élide Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico • Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Leonardo Simmer Amorim, Hugo R. C. Souza e Marcelo Rocha Reportagem • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Marcus Martins Ilustração • Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico • Ana Cristina Lemos Diagramação • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica • Arte da capa a partir de fotos de Alberto Jacob Filho e Antonio Castro

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Rádio e mídia de qualidade

O rádio é o meio de comunicação mais popular e de maior alcance no Brasil, chegando onde a televisão não atinge. É inegável a importância do rádio na vida dos brasileiros, fazendo parte da nossa cultura. As novas gerações talvez não saibam que noticiários, programas de auditório e novelas tenham obtido destaque, audiência e repercussão como os da TV, atualmente.

Ainda hoje, o rádio continua presente na vida dos brasileiros e tem sido uma das mídias mais apreciadas em nossas escolas. Experiências exitosas estão acontecendo e têm sido mostradas em encontros e seminários, despertando, cada vez mais, o interesse e a participação de nossos alunos na rádio escolar. Este mundo vem se ampliando e abrindo novos horizontes na arte de redigir, entrevistar, fazer locução, usar mesa de som, editar. Dentro da macrofunção, foi possível a concretização de um projeto voltado para a comunidade atendida pelo Favela-Bairro.

Aprender a se comunicar é tarefa fundamental no mundo de hoje. É uma aventura que se inicia a partir do som das palavras, tons e nuances das vozes, pausas e ruídos. Este exercício aponta para a importância de aprofundarmos a discussão sobre a qualidade dos programas de rádio oferecidos a crianças e jovens e, principalmente, o lugar da infância nessa programação.

A nova edição da Nós da Escola contribui para acender este debate, ao revelar que a agenda educacional contemporânea viaja também pelas ondas do rádio e diz respeito a todos nós.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação



Literatura

Sou coordenadora pedagógica e professora de sala de leitura. Participei de uma oficina de vídeo no ano passado com Zé Zuca, apresentei um projeto de vídeo e participei da Mostra Século XX1. Estou lançando um livro de poesias. A idéia surgiu no curso de coordenadores pedagógicos, em 2004, depois da apresentação do meu trabalho "Poesia no cotidiano escolar". Tenho trabalhado na formação de escritores. No ano passado fiz uma oficina de poesia na E.M. Maranhão. Num projeto social que participei fiz o mesmo trabalho e o resultado foi a edição de um livro feito pelos alunos. Foi lindo e quero repetir o feito este ano na Maranhão. Quero que os nossos alunos produzam um livro. Acho que assim estaremos formando escritores.

Vera Granado
Escola Municipal Maranhão

N.R. Cara professora, parabéns pelo livro e pelo projeto da oficina de poesia.



Escreva para o Núcleo
de Publicações da
MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 -
9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260-
210 - Rio de Janeiro, ou mande um e-mail
para multirio_dpub@rio.rj.gov.br
Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

SINTONIZE A SUA TV NO CANAL 14 DA NET E APROVEITE MAIS DA PROGRAMAÇÃO DA MULTIRIO

GERÚNDIO & CACÓCAFATO • ENCONTROS
ESSENCIAIS • RIO, A CIDADE! • REFLETS •
ABRINDO O VERBO • NÓS DA ESCOLA •
JURO QUE VI • CARTA ANIMADA PELA PAZ

De segunda a sexta-feira, das 7h30 às 13h30,
e aos sábados e domingos, das 7h30 às 11h30

Professor,
fique por dentro das
**NOTÍCIAS DA
MULTIRIO**

Cadastre seu e-mail em
ouvidori multirio@pcrj.rj.gov.br
ou ligue para 2528-8282



Popular por excelência

Há exatos 83 anos ia ao ar a primeira emissão radiofônica no Brasil. Era o discurso do então presidente da República Epitácio Pessoa, na exposição comemorativa do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro. De lá pra cá, o rádio perdeu espaço para a TV, resgatou sua importância e se consolidou como a mídia popular por excelência. Hoje ele atinge os cantões mais remotos do território nacional e está no limiar de uma nova revolução: o rádio na internet. "O meio rádio vai estar acima das limitações técnicas que conhecia e isso descortina um futuro com amplas possibilidades para sua utilização e valorização da sua função social", observa a jornalista Mariza Tavares, diretora-executiva da CBN (Central Brasileira de Notícias), maior rede de emissão *all news* do país. Embora tenha sua programação voltada para ouvintes entre 25 e 50 anos, a emissora se preocupa em **discutir assuntos voltados para a questão da infância e da adolescência**. Ela acredita que o rádio é um meio de comunicação que, de fato, pode contribuir para a produção de uma mídia de qualidade para crianças e adolescentes. "As possibilidades são muitas, embora a televisão – com sedução de imagem – seja o veículo preferido das crianças".

Nos 80 anos de rádio no Brasil o que permanece e o que mudou no que diz respeito a função social desta mídia?

O rádio se reinventou nesses 80 anos. Depois de reinar absoluto até os anos 1950 e ser dado como "morto", quando a televisão ganhou os lares brasileiros, ele resgatou sua importância como veículo de comunicação. O rádio está em todo o território brasileiro e, devido à sua menor complexidade técnica, pode desempenhar com mais facilidade o papel de agente de integração nacional mesmo nas regiões mais remotas. O rádio também segmentou-se e, desta forma, atinge todos os públicos: jovens que gostam de rock; adultos em busca de notícias; pessoas à procura de um comunicador que represente um amigo. São funções bem diferentes que dão a dimensão da versatilidade do veículo. Agora estamos no limiar de uma nova revolução: o rádio na internet. O que já é uma realidade nos Estados Unidos e na Europa ainda engatinha no Brasil, mas veio para ficar. As pessoas poderão ouvir rádio no seu computador ou mesmo pelo celular. O meio rádio vai estar acima das limitações técnicas que conhecia e isso descortina um futuro com amplas possibilidades para sua utilização e valorização da sua função social.

Em que medida os programas de rádio tratam de temas pertinentes à infância e à juventude?

Isso vai depender do perfil da emissora. No caso da CBN, dedicada ao jornalismo 24 horas por dia, uma boa parte da cobertura se refere a temas ligados à infância e à juventude, mas não necessariamente com uma linguagem voltada para estes públicos. No entanto, nossas reportagens e entrevistas podem ser utilizadas pelos professores em debates em sala de aula, uma vez que tratam dos assuntos atuais mais relevantes de política, economia, comportamento e cultura. Mesmo as rádios musicais, por meio de sua programação, acabam sendo um espelho das novas gerações.

De que forma o rádio pode contribuir para o debate e produção de uma mídia de qualidade para crianças e jovens?

Há rádios comunitárias que desenvolvem um trabalho voltado para jovens expressarem seus anseios e vocações. Pode ser um bom caminho, principalmente porque não há a pressão do mercado, da busca pela audiência. A Prefeitura do Rio também trabalha com um projeto de rádio feito por estudantes da rede pública. Novos canais de expressão para crianças e jovens são muito bem-vindos, porque são responsáveis pela formação de cidadãos mais conscientes. Neste aspecto, a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada ano passado no Rio de Janeiro, serviu como um espaço rico para reflexões.



MARIZA TAVARES É DIRETORA
EXECUTIVA DA CBN
(CENTRAL BRASILEIRA DE NOTÍCIAS)

O rádio tem uma particularidade, ou uma mágica para alguns, que é a de exercitar a imaginação do ouvinte. Em que medida essa característica tão própria e tão interessante deste veículo vem sendo explorada?

A ligação dos ouvintes com âncoras, comunicadores, repórteres e DJs é uma boa prova desta mágica. É uma relação próxima, de grande companheirismo, que só pode ser explicada pela mágica”, ou pela química que é o exercício da imaginação. Ainda é comum que torcedores levem seus radinhos de pilha para os estádios para acompanhar a partida pelo rádio, embora estejam assistindo ao jogo. Por quê? Porque os dribles dos jogadores são ainda mais impressionantes se narrados com emoção pelo locutor. Mesmo em emissoras jornalísticas, a voz do âncora, ou a dos repórteres, é responsável pela credibilidade e pela ênfase conferidas ao fato narrado.

Você acha que por conta de não ser um veículo de imagens o rádio perde em relação às outras mídias?

Vivemos numa sociedade de forte apelo visual e isso, aparentemente, poderia ser um obstáculo para o rádio. Mas, ao mesmo tempo, o rádio é o único veículo que não exige a atenção integral do usuário. Você não pode ler jornal enquanto dirige; ou ver TV na praia - mas pode fazer tudo isso enquanto ouve rádio. Além disso, não podemos esquecer que o rádio também pode estar na internet, o que muda completamente o conceito do veículo, integrando som e imagem.

Uma outra característica do rádio é possibilitar a um custo reduzido o intercâmbio de informações entre pessoas de lugares bem diferentes e distantes... O baixo custo do rádio e sua menor complexidade técnica são grandes trunfos, com certeza. Há experiências interessantes na Amazônia, integrando comunidades bem distantes. Enquanto a TV precisa de um aparato sofisticado para uma transmissão, no rádio o repórter basta ter um celular para entrar ao vivo diretamente de onde está acontecendo o fato.

Além de informar e entreter, o rádio pode ter uma função educativa?

Educação, para mim, é um processo abrangente que está presente no dia-a-dia das pessoas. Não se restringe a uma experiência em sala de aula. Com esta perspectiva, o rádio pode ter uma função educativa muito mais atuante, porque pode ser usado como mais uma ferramenta para reflexão e discussão.

De que forma?

A CBN faz programas especiais que poderiam ser utilizados em escolas como, por exemplo, uma série realizada com internos da Febem de São Paulo. Durante dois meses, a repórter Tânia Morales acompanhou um grupo de rapazes que participava de uma oficina de rádio na unidade na qual estavam recolhidos. O resultado deste trabalho foi uma série na qual os jovens eram os “repórteres”: eles mesmos entrevistaram seus colegas e editaram o material gravado, que foi veiculado na CBN durante uma semana. Foi uma experiência muito rica para todos. ■

Pioneiro do ensino público

Educador baiano é parte importante da **história da Educação brasileira** e trouxe ao país o conceito de escola gratuita e de qualidade para todos

Conhecer a vida e as ações de Anísio Teixeira é conhecer uma parte importante da história da Educação brasileira. E informar-se sobre os caminhos trilhados por nossa educação é passo fundamental a ser dado por todos os que buscam transformá-la. Teixeira nasceu em 12 de julho de 1900, em Caetité (BA). Sua luta pela democratização do ensino no Brasil começou em 1924, quando foi nomeado para o cargo de inspetor geral de Ensino da Bahia. No ano seguinte, viajou pela primeira vez à Europa e pôde observar os sistemas escolares da França, Bélgica, Itália e Espanha. Em 1926, inaugurou a Escola Normal de Caetité e, em seguida, viajou aos Estados Unidos para estudar a organização escolar do país. Na volta publicou seu primeiro livro, *Aspectos americanos de educação*, trazendo para o Brasil as idéias pedagógicas de John Dewey, de quem foi aluno.

Essas idéias inspiraram Anísio na concepção da Escola Nova no Brasil. Também chamado de Escolanovismo, esse movimento surgiu em fins do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, opondo-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais. Buscava uma escola para todos e uma educação que integrasse indivíduo e sociedade, defendendo que o indivíduo é, ao mesmo tempo, único, com características próprias, e parte integrante de um grupo social. A premissa defendida por Dewey era de que só por meio da educação pode-se construir uma sociedade realmente democrática. A partir deste pensamento, para Anísio, caberia à escola formar indivíduos aptos a refletir sobre a sociedade em constante transformação na qual



AGÊNCIA DA FAMÍLIA

estavam inseridos, considerando suas liberdades individuais e sua responsabilidade diante do coletivo. A escola deveria transitar entre compreender os atributos individuais do educando e assumir sua responsabilidade quanto à promoção de uma reorganização social.

Magistério - A partir de 1929, Anísio passou a atuar como integrante da comissão encarregada dos estudos relativos à reorganização do então ensino secundário brasileiro. Mudou-se para o Rio de Janeiro, atendendo a convite do prefeito Pedro Ernesto para dirigir o Departamento de Educação do Distrito Federal (mais tarde, Secretaria de Educação). Sem conseguir sensibilizar o novo governador, Vital Henrique Batista Soares, a realizar suas propostas, Anísio demite-se da Inspeção de Ensino da Bahia, passando a dedicar-se ao magistério. Nomea-



ESCOLA PARQUE/BA

do para a cadeira de Filosofia e História da Educação da Escola Normal de Salvador, exerceu a função até 1931. Em 1932, foi redator e signatário, com outros intelectuais, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, defendendo papel mais atuante para o Estado na educação. O documento divulgava as diretrizes nacionais de um programa de reconstrução educacional.

Demitiu-se do cargo de secretário de Educação do Distrito Federal, em 1935, por motivos políticos e, no ano seguinte, publicou o livro *Educação para a democracia, introdução à administração de um sistema escolar*. Durante o período do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937 a 1945) afastou-se da vida pública e dedicou-se ao comércio e à mineração. A partir de 1946, passou a exercer a função de conselheiro da Unesco para o ensino superior. Convidado pelo governador Otávio Mangabeira, exerceu o cargo de secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, de 1947 a 1951, quando voltou a atuar no plano federal, como secretário-geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Em 1952, assumiu o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), onde permaneceu até 1964.

LDB - Durante sua gestão na Capes e no Inep, Anísio percorreu o país ministrando palestras e participando ativamente da discussão da reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação



Nacional. Em 1956, lançou o livro *A Educação e a crise brasileira* e, no ano seguinte, *A Educação não é privilégio*. Suas idéias não foram bem recebidas pelos bispos brasileiros, que, em 1958, lançaram memorial acusando-o de extremista e solicitando ao Governo sua demissão. O episódio gerou o protesto de 500 educadores, cientistas e professores. Anísio foi mantido no cargo. Neste meio tempo, o educador idealizou a criação da Universidade de Brasília (UnB), instituída em 1961, assumindo a Reitoria em 1963, quando o então reitor, Darcy Ribeiro, precisou afastar-se para assumir a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República.

Com a instauração do Governo Militar, em 1964, Anísio foi afastado do seu posto e aposentado compulsoriamente. Nesta época, embarcou para os EUA e lecionou como *visiting scholar* nas Universidades de Columbia (1964), de Nova York (1965) e da Califórnia (1966). Ao retornar ao Brasil, continuou a dedicar-se à Educação. Tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas e da Companhia Editora Nacional, editando antigos trabalhos, como: *Pequena introdução à filosofia da educação* (1967); *Educação é um direito* (1967); e *Educação no Brasil* (1969). No início de 1971, pensou em candidatar-se à Academia Brasileira de Letras (ABL), mas sua morte trágica interrompeu esta trajetória. O corpo do educador foi encontrado no poço do elevador do edifício onde morava, na Avenida Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Legado - A atualidade do pensamento de Anísio Teixeira está evidenciada, entre outras coisas, na sua luta pela defesa da escola pública de qualidade. É a partir dessa visão que seus pensamentos fomentam as discussões e reflexões sobre educação em diferentes fóruns, principalmente no que se refere à formação de professores.

Entendendo que atualmente o professor deixou de ser um transmissor do conhecimento para ser um produtor e condutor de estudos, o papel de pesquisador faz parte das competências de todo educador. Além disso, professores e alunos es-

tão adquirindo autonomia em busca de conhecimento a partir do uso do rádio, da televisão, dos computadores e de outras redes de informação.

Com certeza, se o professor Anísio Teixeira estivesse vivo, estaria ainda lutando pela qualidade da escola pública, mas estaria muito mais feliz ao perceber que muitas das suas preocupações e demandas foram transformadas em realidade. Pelo menos na cidade do Rio de Janeiro onde as diferentes mídias estão presentes na formação continuada de professores e nas salas de aula. ■

Horário integral e painel de Di Cavalcanti

No cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, entre os anos de 1931 e 1935, na administração do prefeito Pedro Ernesto, Anísio Teixeira formulou um plano de construção de 74 novos prédios escolares no Rio de Janeiro. As obras seriam realizadas até 1938. O objetivo era atender a uma grande demanda de crianças na faixa de 6 a 12 anos de idade. O déficit de escolas para esta população era de 55%. Levantamento realizado em 1932, pelo Serviço de Prédios e Aparelhamentos Escolares do Departamento de Educação do Distrito Federal, mostrava que a maioria dos prédios escolares constituía-se de residências particulares que eram, na verdade, espaços inadequados ao bom funcionamento escolar. As salas de aula eram menores do que o necessário, mal localizadas e com problemas de iluminação, ventilação e infra-estrutura.

Para Anísio, as escolas deveriam funcionar em horário integral, com dois turnos. No primeiro, as crianças receberiam o *ensino convencional* (Matemática, Língua Portuguesa, História, Ciências...), no que ele chamou de escolas-classes; e, no segundo, freqüentariam as escolas-parques – espaço onde se daria a *educação social* (Educação Física, Música, Educação sanitária e atendimento médico-alimentar). O programa tinha por objetivo estruturar o ensino sob o ponto de vista do trabalho, do estudo e da recreação, uma vez que se acreditava que a educação deveria contemplar todos os aspectos da natureza infantil. Para idealizá-lo, Anísio também tomou como base o sistema *platoon* (pelotões), originário dos Estados Unidos. Os estudantes deslocavam-se pelas salas, em horários preestabelecidos, para realizar atividades variadas, eliminando-se a idéia da sala de aula como algo estático. Inicialmente, três escolas estruturaram-se pelo sistema *platoon*: E. M. República Argentina, E. M. Estados Unidos e Escola México.

Embora, inicialmente, tenha sido planejada a implantação de 74 escolas, até o ano de 1935, apenas 25 unidades saíram do papel. A construção dos prédios ficou a cargo do arquiteto Enéas Trigueiro Silva. O programa obedeceu ao plano de remodelação da cidade, implantado pelo prefeito Pedro Ernesto. A escolha da localização das escolas foi feita de acordo com critérios de demanda e facilidade de transporte para a população. A construção dos prédios escolares seguiu cinco modelos: escola do tipo mínimo (duas salas de aula e uma sala de oficinas); escola do tipo nuclear ou escola-classe (12 salas de aula, mais dependências para a administração); escola *platoon*/12 classes (seis salas comuns e seis salas especiais); escola *platoon*/16 classes (12 salas comuns e quatro salas especiais); escola *platoon*/25 classes (12 salas comuns e 12 especiais e um ginásio). Outra característica das escolas construídas na gestão de Anísio Teixeira são as obras de arte. Anísio costumava convidar artistas de diversas áreas para decorar as escolas de sua administração. Um bom exemplo é a Escola Municipal Chile, em Olaria (Zona Norte). Inaugurada em 3 de março de 1935, tem um painel de Di Cavalcanti, que ilustra alunos em uma sala de aula; e um trabalho em óleo sobre madeira de Georgina de Albuquerque, que retrata crianças lendo e brincando.

Serviço

Programa 223 da MULTIRIO
- Série Cidade e Educação
- Especial Anísio Teixeira

Bienal vai homenagear a França

Maior evento literário do Rio de Janeiro completa 22 anos

Serviço

XII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro
De 12 a 22 de maio de 2005
RioCentro – Avenida Salvador Allende, 6.555 – Barra da Tijuca

Entre os dias 12 e 22 de maio, o Riocentro será mais uma vez o palco de um dos eventos literários mais importantes do país, a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que neste ano chega a sua 12ª edição. São 22 anos de uma grande festa que coloca o livro em evidência, incentiva a produção brasileira, valoriza os autores nacionais e recebe grandes autores internacionais. O estímulo à leitura, à busca do saber e à troca de idéias se fará presente nos livros e na programação cultural, com atrações consagradas como o Café Literário e o Fórum de Debates, tendo o livro como o astro principal.

A Bienal do Livro é uma promoção do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e conta com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura e também da Secretaria Municipal do Turismo do Rio de Janeiro. Neste ano o evento terá como destaque uma série de homenagens à França. Escritores e autores do país

serão convidados a ministrar palestras e participar de debates e conferências. No estande francês o visitante poderá adquirir livros de arte, culinária, história, literatura, ciências, medicina, turismo e religião, entre outras áreas de conhecimento. Espanha, Portugal e Itália já haviam sido reverenciados em edições anteriores.

História - A Bienal do Livro teve início em 1983, nos salões do Hotel Copacabana Palace, numa área de cerca de mil metros quadrados. Dois anos depois, o cenário foi transferido para o São Conrado Fashion Mall. Em 1987, chegou ao Riocentro, já com 15 mil metros quadrados de área expositora. Hoje, é considerado o acontecimento editorial mais importante do País nos anos ímpares e um evento cultural de mobilização nacional, que supera todas as expectativas de público, vendas e mídia. Para se ter uma idéia, a Bienal de 2003 recebeu um público total de 560 mil pessoas, num crescimento anual que atinge os 30%. ■



Sete dias para visitação escolar

Como uma forma de incentivar a cultura e o hábito de leitura desde cedo, formando uma nova gera o de leitores, os organizadores da Bienal do Livro estão reservando dias especiais para visita o escolar monitorada. Elas são realizadas nos dias 13, 16, 17, 18, 19 e 20 de maio. Os professores interessados devem preencher um formulário, disponível no site oficial do evento – www.bienaldolivro.com.br. Em 2003, cerca de 200 mil alunos e 35 mil professores participaram do projeto Visita o Escolar, um aumento de 11% em rela o   edi o anterior.

Integração total na Maré

Produção de jornal aproxima professores e alunos e enriquece cotidiano da escola **Clotilde Guimarães**

Desde que a primeira edição de **O Espaço** foi publicada, os alunos da Escola Municipal Clotilde de Guimarães integraram à rotina da sala de aula mais um exercício: pensar na pauta do próximo jornal. Pelo menos os de 5ª a 8ª série, que escrevem regularmente para esta publicação semestral da escola do Complexo da Maré.

O Espaço é feito inteiramente pela equipe da Clotilde e traz matérias estritamente ligadas à realidade da escola e da comunidade local. Assim, a história da rua Teixeira, ou da feira que acontece ali, o caso de gravidez de duas adolescentes, e um de aborto de outra moradora da Maré, além das brincadeiras das crianças da escola recheiam as oito páginas do jornal. A forma contextualizada de construir as pautas acaba por aproximar a escola dos moradores da região. "O aluno sai com o jornal na mão, chega em casa e mostra para pais, irmãos e vizinhos. Não é raro eles lerem e discutirem sobre as pautas e até sugerirem outras histórias", informa o professor de Geografia e responsável pelo projeto, Jorge Custódio.

Alunos e professores também estão mais próximos em função do projeto. A produção das oito páginas semestrais é um processo que envolve todos da escola. Começa com uma idéia de tema, geralmente sugerida por uma estudante e sempre pensada a partir de alguma situação ou fato do cotidiano (da escola ou não). Daí segue-se para a etapa de discussão da pauta com um professor-orientador. Aprovada, parte-



O PROFESSOR JORGE CUSTÓDIO COORDENA O PROJETO DO JORNAL DA E.M. CLOTILDE GUIMARÃES

se para uma longa etapa de reflexão e pesquisa. Criam-se, para isso, grupos de trabalhos dedicados a debater e apurar as pautas. Nesse ponto toda a escola, mesmo que não seja escrevendo os textos ou ilustrando-os, está envolvida. A matéria então é redigida, ilustrada e depois novamente avaliada pelos docentes. A partir daí parte-se para o processo de edição.

Valorização - Nessa interação, a troca criativa de conhecimentos passa a estruturar o cotidiano das discussões e das reflexões feitas em sala de aula. "Busca-se o desenvolvimento

de uma linguagem comum entre professores e alunos. A produção de conhecimento é deslocada das mãos, da mente e das ações unilaterais do professor em sala e se instala nas interações da turma com o professor, nas de aluno com aluno, nas de aluno com professor e nas de professor com professor. A idéia é fazer o discente perceber a valorização de suas bagagens socioculturais”, escreve Jorge Custódio no projeto *O mundo não é tão longe*, descrição detalhada de todo o processo de criação e produção do jornal enviada e selecionada para a **II Mostra Trocando Idéias com o Século XX1**, realizada em dezembro do ano passado (ver box).

Não é difícil imaginar que nesse intercâmbio de idéias a conexão com os conteúdos programáticos acaba se estabelecendo. História, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa,

Ciências aproveitam o cenário desenhado nas matérias para contextualizar seus conhecimentos. “Com o processo de produção do jornal”, explica Jorge Custódio no texto do projeto *O mundo não é tão longe*, “a escola produz um movimento que parte do concreto para o abstrato. Há manifestações de conhecimentos individuais e coletivos que se integram às vivências de alunos e professores”. O resultado disso é um instrumento pedagógico “extracurricular” que oferece reais oportunidades de interação entre alunos, professores, escola e comunidade.

Um instrumento que é legitimado pela própria diretora da escola, Elizabeth Vasconcelos: “**O Espaço** segue a linha de nosso projeto político-pedagógico. Sua grande virtude é aproximar alunos e professores. Faz, de fato, os alunos perceberem que o mundo não é tão longe.” ■

João Alegria*

Professor tem medo de computador?

É bastante comum a gente ouvir por aí que os professores têm medo de computador. Que eles não sabem utilizá-lo e, por isso, sentem vergonha de seus alunos, principalmente os adolescentes, que são “especialistas” em computadores, games, celulares e outros artefatos das tais “novas tecnologias”, cada vez mais presentes no nosso dia-a-dia.

Há pouco tempo, uma matéria de jornal divulgou os resultados de uma pesquisa realizada com professores do ensino fundamental de todo o Brasil (“Professores Desplugados”: O Globo - 25/5/2004), mostrando que a maior parte deles estão excluídos da internet e muitos nem possuem um computador. O jornalista concluiu ser esta

uma grande ameaça para o futuro da educação e dos nossos jovens alunos, que estariam, em decorrência, também alijados de participar, em igualdade de condições, deste universo das tecnologias da informação e da comunicação.

Será que estas afirmações podem ser generalizadas para “todos” os professores? É verdade que só os jovens gostam e entendem as novas tecnologias? Essas tecnologias já chegaram às escolas e às casas dos professores?

Uma pesquisa recente, realizada pela MULTIRIO com um grupo de professores que são usuários docentes do Projeto Século XX1 - /Projeto Século XX1: um perfil de usuários docentes/ - nos dá pis-

Mudança no regulamento



A Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 acontece anualmente e tem o objetivo de estimular e divulgar os produtos de mídia criados com a participação ativa dos alunos e professores do município. Resultado de uma parceria entre o Projeto Século XX1, da MULTIRIO, e a equipe de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME), a Mostra vem se firmando também “como um espaço para reflexão e troca de experiências sobre a incorporação crítica das diferentes mídias no cotidiano escolar” (ver artigo).

Em sua segunda edição, realizada em dezembro do ano passado, foram inscritos 221 projetos, o dobro do ano passado. Os 15 selecionados trabalharam com vídeo, site, rádio, jornal, livro e CD-ROM, a partir dos temas tratados no site Século XX1. O público que participou do evento teve a chance de assistir a apresentação dos trabalhos, palestras sobre temas relacionados à mídia e educação e a filmes do Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro – Curta Cinema 2004.

Os coordenadores já estão pensando no evento deste ano. O que se pode adiantar é que haverá mudança no regulamento. Vários professores ao longo dos dois anos de realização do evento fizeram muitas sugestões, que estão sendo analisadas pela equipe do Século XX1.

tas para questionar os discursos sociais que caracterizam os professores como tecnofóbicos. Os professores entrevistados, a maioria com mais de quinze anos de trabalho no município, reconhecem a importância destas novas tecnologias na sociedade contemporânea. Também afirmam que fica mais fácil dialogar com seus alunos quando se utilizam, no contexto da aprendizagem, da mídia e das tecnologias que a mídia requer para ser produzida e difundida (a internet, os computadores, a televisão...). Estes professores sempre utilizam o computador e realizam, com seus alunos, projetos pedagógicos que resultam em sites, revistas eletrônicas, blogs e jornais escolares, entre outros produtos. Eles costumam acessar o Século XX1 pela internet e dizem ter intimidade com

vários outros acessórios e recursos tecnológicos que eles têm disponíveis na escola e em casa.

Porém, o mais importante, como sugerem os professores entrevistados, é perceber que as máquinas, sozinhas, não resolvem os dilemas da educação nos dias de hoje. Além das máquinas, é importante dispor de tempo, oportunidade de formação e recursos suficientes para que toda a comunidade escolar se prepare e utilize, crítica e criativamente, a mídia e as tecnologias. A transformação mais importante está nas mãos dos professores, dos gestores e dos alunos: uma virada de paradigma na educação.

* Assessor da MULTIRIO.

Onde você sintoniza?

Seu poder de alcance é indiscutível. Seus 80 anos não traduzem antiguidade, pelo contrário, anunciam que ainda tem muitos anos de vida. Agrada a crianças, jovens, adultos, homens e mulheres. Freqüenta ambientes sofisticados, simples, em diferentes regiões. No carro, em casa, no trabalho... até na internet! Para quem ainda não adivinhou, estamos **falando do rádio**, companheiro para quem está só, buscando informação, nos momentos de lazer, na rotina de casa ou do trabalho. Nós da Escola foi às ruas saber em que sintonia os cariocas estão. Confira o tipo de programas preferido dos entrevistados.

Tenho um gosto musical refinado. Meus pais gostam muito de música clássica e me acostumei a ouvir esse tipo de música. Por isso, quando estou em casa ou dirigindo procuro estações que toquem os clássicos ou jazz. As rádios são instituições que deveriam levar mais educação e informação para a população. As rádios dirigidas ao público jovem não passam de imitações de rádios estrangeiras. É preciso divulgar a música brasileira, a cultura brasileira.

Roberto de Almeida Bastos – Estudante do Ensino Médio

Costumo ligar o rádio quando estou dirigindo e sintonizo em estações que toquem música popular brasileira. Sinto falta de uma programação que divulgue a cultura brasileira. A maioria dos meus amigos ouve rádio pela manhã para saber das principais notícias, mas onde eu moro tem muitas rádios comunitárias, que são muito dirigidas para um pequeno grupo. Por isso, quase não ouço rádio em casa.

Célia Cristina Soares Lemelle – Arquiteta

O rádio fica ligado o dia inteiro, mas eu nem presto atenção. É bom porque quebra o silêncio, toca pagode. Também aqui não tem CD nem TV. Em casa eu prefiro ver televisão.

Cícero Alves Carvalho – Garçom



Quase não escuto rádio porque durante o dia estou trabalhando e à noite estudo. As rádios daqui do Rio não tocam forró. Sinto falta. Lá no Nordeste só toca forró. Acho que é por causa do preconceito dos cariocas.

Roseli da Silva – Babá

Escuto rádio enquanto trabalho. Preciso de concentração e como sempre tem muita gente perto de mim, o rádio ajuda a me concentrar. Gosto de rock, por isso escolho uma emissora que é muito parecida comigo, além de ficar informada sobre o trânsito na cidade, as principais notícias e eventos.

Ana Cristina Lemos – Programadora Visual

A vez das comunitárias

Em tempos de internet, TV digital e telefonia celular poderíamos acreditar que o rádio perderia sua força. No entanto, não é isso que acontece. Enquanto apenas 14,3 milhões de brasileiros acessam a web (ONU), 84,9% das residências brasileiras possuem pelo menos um aparelho de rádio, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do IBGE. Ou seja: o rádio continua vivo. E se reinventando.

Hoje assistimos o surgimento da rádio via internet. Brevemente o ouvinte poderá optar pela rádio via cabo, serviço por assintaura que segue o mesmo modelo da TV. Na Europa e nos Estados Unidos já existe a rádio digital, com grande qualidade de som. Os avanços não se limitam apenas às mudanças tecnológicas, mas também à forma como as emissoras se organizam. Prova disso é o fortalecimento cada vez maior do movimento das rádios comunitárias e daquelas que têm **educação como fio condutor de sua programação.**

Essa vitalidade, no entanto, ainda não se reflete na maior parte de sua programação. Apesar de ser uma mídia segmentada e regionalizada por natureza – os baixos custos de instalação e produção, além das limitações da própria transmissão, possibilitam a existência de cerca 3.500 emissoras de rádio no país – o rádio sofre com a ausência de uma política pública para o setor e está longe de explorar todas as suas possibilidades educativas e culturais.

O que os ouvintes encontram hoje nas FMs é, em grande parte, uma programação musical comercial. Segundo Sonia Virginia Moreira, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Uerj e pesquisadora na área de rádio, este modelo foi importado da Califórnia nos anos 1980 e, reproduzido, acabou se tornando um modelo único de FM no Brasil. “Isto não significa que não existam outros modelos”, afirma a professora. Aumentaram também as emissoras religiosas, que se disseminaram principalmente na frequência AM.

Concessão pública - A falta de qualidade na programação e a ausência de qualquer tipo de controle e fiscalização por parte da sociedade é e deve ser tratado como uma questão de inte-

resse público. Assim como os canais de TV, os de rádio são uma concessão pública. E boa parte dos problemas começam aí, no momento em que são concedidos os canais de transmissão.

“Na década de 1980 houve uma farta distribuição de canais de rádio, principalmente durante o governo Sarney e a maioria dos beneficiados foram políticos. O Código Brasileiro de Radiodifusão é da década de 1960, ou seja, a lei de rádio brasileira está caduca. Não bastasse isto, não temos um órgão que fiscalize de forma efetiva o cumprimento de leis que garantiriam, por exemplo, uma parcela de programação jornalística e um percentual mínimo de músicas nacionais” explica Sonia Virginia.

Para se ter uma idéia dos problemas relativos à concessão, estimativas apresentadas pelo jornalista Sidiney Rezende em palestra promovida pela Assessoria de Integração da MULTIRIO (em novembro de 2004), dão conta que 55% das emissoras de rádio encontram-se nas mãos de políticos e 20% nas mãos de entidades religiosas.

“Embora seja pouco usado desta forma no Brasil, o Rádio é um **instrumento muito valioso de educação** (1). O que falta é uma política para

(1) Você pode encontrar mais informações sobre como montar uma rádio escolar na matéria da página 27

Do código Morse às transmissões *on-line*

1844 - Samuel Morse envia a primeira mensagem telegráfica.



1875 - Graham Bell inventa o microfone.

1877 - O físico alemão Heinrich Rudolf Hertz constrói um circuito elétrico que comprova a existência de ondas eletromagnéticas, batizadas de ondas hertzianas.

1893 - O padre Landell faz a primeira transmissão da palavra falada, sem fios, através de ondas eletromagnéticas.

1896 - O cientista italiano Guglielmo Marconi realiza uma transmissão de rádio entre dois navios de guerra

italianos distantes 13km um do outro e obtém, em Londres, a patente do invento.

1900 - Surge a primeira estação de transmissão comercial da Alemanha.

1905 - Começam a surgir as grandes empresas de material radioelétrico.

1916 - Forest coloca no ar em Nova York o primeiro programa de rádio de que se tem notícia, com conferências, músicas, gravações e o primeiro registro de radiojornalismo em forma de boletins da eleição presidencial vencida por Woodrow Wilson.

o setor por parte do governo. E esta política deve ser feita por quem entenda como o rádio funciona, como se trabalha com o imaginário das pessoas, qual o conteúdo, o público... O rádio é um meio de comunicação local, regional e com uma possibilidade incrível de atingir públicos segmentados”, observa Sonia.

Rádio comunitária - Apesar de não vermos uma política governamental eficiente é nítido o crescimento de um segmento menos evidente e formal do setor: as rádios comunitárias. Desde a década de 1990, com a regulamentação da Lei das Rádios Comunitárias, as mesmas vêm se multiplicando no país e atingindo públicos cada vez maiores e mais diversificados. É nítido também que é na chamada rádio “alternativa” que encontramos as experiências mais interessantes e inovadoras do ponto de vista educacional e cultural.

“As rádios comunitárias vieram revolucionar o espectro radioelétrico e as comunicações no Brasil e no mundo. Elas vieram mudar, transformar, tornar mais horizontal não só a comunicação como também estabelecer um novo tipo de organização da sociedade. Infelizmente, existem algumas rádios que se dizem comunitárias e não são. Esse

tipo de coisa acontece, mas eu penso que as rádios estão além disso. Cada grupo comunitário consegue, sim, se aproximar das pessoas para quem estão fazendo esta outra comunicação”, afirmou Sofie Hommoie, representante da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) no último Fórum Social Mundial.

Apesar de recentemente regulamentadas no Brasil, as rádios comunitárias têm uma longa história na América Latina. Uma história sempre ligada à educação e às lutas sociais. Em 1947, o padre Joaquim Salcedo instalou no povoado de Sutatenza, na Colômbia, um transmissor de rádio com o intuito de educar os camponeses, que eram em sua maioria analfabetos. Respalhada pela Igreja Católica, surgiu a primeira rádio comunitária da América.

Mais de meio século depois as rádios comunitárias se multiplicaram e se organizaram em redes e quase todas estão filiadas a alguma organização coordenadora de projetos comuns. Uma destas é a ALER - Associação Latino-americana de Educação por Rádio, que atualmente reúne 98 emissoras e conta com uma audiência de mais de 12 milhões de pessoas.

Serviço

Para se informar sobre rádio e montagem de rádio escolar: Portal MULTIRIO
www.multirio.rj.gov.br

Site Século XXI
www.multirio.rj.gov.br/
seculo21

O rádio educativo no Brasil. Cadernos da Comunicação, nº 6. Série Memória.

1919 - A empresa Westinghouse faz nascer, meio por acaso, o modelo de radiodifusão que conhecemos hoje.

Ela fabricava rádios para as tropas americanas e, com o fim da Primeira Guerra Mundial, ficou com uma grande quantidade de aparelhos. Para evitar prejuízo, a solução foi instalar uma grande antena no pátio da fábrica e transmitir música para os habitantes do bairro. Os aparelhos de rádio que sobraram da guerra foram todos vendidos.

1920 - Tem início a “Era do Rádio”, com a disseminação do uso do microfone e a popularização das transmissões. A rádio KDKA, instalada numa garagem em Pittsburg, nos EUA, é a primeira estação de que se tem registro.



1921 - Surge o emissor da Torre Eiffel, em Paris, e acontece a primeira transmissão ao vivo de um evento esportivo: uma luta de boxe acompanhada por 330 mil ouvintes.



1922 - Primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil: o discurso do presidente da República Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do centenário da Independência.

1923 - É feita a primeira transmissão de rádio em cadeia no mundo, envolvendo a WEAf e a WNAC, de Boston. Surge a primeira emissora brasileira: A Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, fundada por Henry Morize e Roquete Pinto, que ficou conhecido como o “pai do rádio brasileiro”. A KDKA transmite para Londres o primeiro programa em ondas curtas a atravessar o oceano.

Um exemplo de uma rádio comunitária brasileira bem-sucedida é a Rádio Favela, de Belo Horizonte. No ar desde 1981, ainda nos tempos de Ditadura Militar, a rádio tinha como obstáculos não apenas a falta de recursos, mas também a repressão. Devido ao forte conteúdo político, a Rádio Favela era sempre perseguida pelo regime e, por isso, sempre mudava de “barraco” (sede), envolvendo mais e mais moradores do Aglomerado da Serra, bairro para o qual transmitia. Em 1996, ainda falando de dentro de um aglomerado populacional de mais de 160 mil habitantes, a rádio se instituiu legalmente como uma entidade e adquiriu um alvará de funcionamento como rádio educativa junto à prefeitura.

Capacitação - Um outro exemplo de um programa radiofônico que se tornou uma rede de produção em rádio comunitária é o “Fala Mulher”. Criado em 1989 e veiculado no “dial” convencional por mais de dez anos, o programa era uma tentativa de valorizar a mulher como cidadã plena e de romper com os clichês dos programas femininos. Em 2001, no entanto, o programa deixou a rádio convencional e se juntou de vez à CEMINA - ONG que atua na defesa dos direitos da mulher -, para iniciar um projeto de inclusão de mulheres em redes de rádio.

O programa acabou inspirando a criação de uma rádio, passando a ser transmitido via web e a capacitar mulheres de todo o país para trabalhar na área. “Capacitamos a mulher para utilizar o rádio como uma maneira de amplificar sua voz, suas reivindicações. Lideranças comunitárias, professoras universitárias e radialistas fizeram nosso curso. A “Rede de Mulheres no Rádio” tem hoje em torno de 400 pessoas em todo o país”, afirma Denise Viola, Coordenadora do Núcleo de produções radiofônicas do CEMINA.



RÁDIO ESCOLAR DO PET JOSÉ EMVÍDIO DE OLIVEIRA

1932 - O Governo de Getúlio Vargas autoriza a publicidade em rádio. Era criado o conceito de que rádio é comércio e, portanto, disputa por audiência.



1934 - É criada a Rádio Difusora, apelidada de “Som de Cristal”, onde surge o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma.

1935 - Assis Chateaubriand inaugura em 25 de setembro a PRG-3, Rádio Tupi do Rio de Janeiro, a Cacique do Ar. Chateaubriand foi o pioneiro na formação da primeira rede nacional de comunicações no Brasil: Os Diários e Emissoras Associados.

1938 - Marcianos invadem a Terra!!! No dia das bruxas, a rádio americana CBS, apresentava o programa “A Guerra dos Mundos”, com Orson Welles. Naquela

edição ele simula uma invasão de marcianos aos Estados Unidos



da América. O realismo era tamanho que uma onda de pânico tomou conta do País, quando o locutor anunciava: “Atenção senhoras e senhores ouvintes... os marcianos estão invadindo a Terra...” A CBS teve que parar a transmissão tamanha foi a confusão. Até suicídios aconteceram.

1938 - A primeira transmissão esportiva em rede nacional, na Copa de 38, por Leonardo Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro. O mais polêmico e carismático dos narradores foi Ary Barroso, que tocava sua gaita quando narrava os gols. Ary estreou em 1936 na Rádio Cruzeiro do Sul do Rio. Também foi compositor - de “Aquarela do Brasil” - entre outras obras.

Entre todas as mídias disponíveis, Denise explica o porquê da escolha do Rádio. “Pelas próprias características do veículo, que tem um baixo custo, um grande alcance e por ser mais democrático, uma vez que não é necessário ao ouvinte a cultura da leitura ou a interrupção de um outro trabalho. A possibilidade de segmentação e regionalização também torna o conteúdo e a forma de transmiti-lo mais interessante”.

Desde 2001 usando a internet como forma de transmissão, a “Fala Mulher” passou também a usar o rádio como forma de integrar a mulher ao mundo digital. O portal da rádio não só transmite programas como é um centro de convergência de trabalhos e iniciativas.

Lei - Alguns projetos são tão bem-sucedidos que acabam conquistando o apoio governamental. É o caso do Educom.rádio, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que recentemente se tornou lei municipal na capital paulista (ver entrevista com o professor Ismar Soares). Desde o início deste ano, cabe ao poder público municipal criar programas para

“desenvolver e articular práticas de **educocomunicação**, incluindo radiodifusão...” .

No Rio de Janeiro também existem rádios escolares. A MULTIRIO oferece anualmente oficinas para capacitar professores do município para a montagem da rádio na escola e para o trabalho como radiodifusores/educadores. Em 2004, 80 professores se inscreveram no curso. Este ano a oficina será novamente oferecida. As Diretorias de Educação das CREs - Coordenadorias Regionais de Educação - indicarão os 200 professores que poderão se inscrever em diversas oficinas, entre as quais a de “Montagem de Rádio Escolar”.

Juntar rádio, educação e cultura não é uma idéia recente. Na verdade é um resgate dos ideais que nortearam a primeira rádio no país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada, em 1923, por Edgard Roquette Pinto, e doada, na década seguinte, ao então Ministério da Educação e Cultura. “A doação oficializou a finalidade educativa do rádio e permitiu o surgimento de um sistema de Rádios Educativas no país. A Rádio Sociedade tornava-se Rádio Ministério da Educação” (Cadernos da Comunicação, nº 6, Série Memória). ■

1942 - Em 14 de julho, após um chamado emocionado via BBC, milhares de franceses reúnem-se em volta dos memoriais de guerra espalhados pelo país e seguem em parada pelas ruas das principais cidades da França.



1946 - Surgem os gravadores de fita magnética que vão dar maior agilidade ao rádio.

1958 - A transmissão via satélite é inaugurada com o Score I, primeiro satélite artificial de telecomunicações; as transmissões comerciais iniciam-se sete anos depois, com o lançamento do Intelsat I. No mesmo ano, é levada ao ar a emissora Merkur, na Dinamarca, primeira rádio pirata do mundo.

1987 - Nasce o sistema DAB (*Digital Audio Broadcasting*) para transmissão via satélite de áudio e dados para receptores domésticos, portáteis e móveis. A técnica DAB permite introduzir muitos canais num mesmo espectro de onda. A qualidade do som na tecnologia DAB fica próxima à de um CD.

1990 - A internet se populariza em todo mundo e as emissões radiofônicas via rede mundial de computadores se multiplicam.

2003 - Emissoras internacionais de ondas curtas começam a transmitir em tecnologia digital. Este padrão tende a se popularizar ao longo dos próximos anos e deve ser adotado em todo o mundo, com qualidade de áudio otimizada em ondas médias, longas e curtas. A indústria eletrônica é a grande beneficiária desse processo. Estima-se que 2,5 bilhões de receptores serão substituídos progressivamente, além de antenas no mundo inteiro.

Bate-papo/Ismar de Oliveira Soares



Defensor da prática da Educomunicação, o professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP), desenvolveu entre 2001 e 2004 o projeto Educom.rádio que, por meio da linguagem radiofônica, formou cerca de 11 mil educadores, de 455 estabelecimentos públicos de São Paulo. A escolha do rádio, e não de outra mídia, tem a ver, segundo ele, com a opção de valorizar a cultura oral das comunidades envolvidas no projeto.

“Ao longo do processo, outras linguagens acabaram sendo valorizadas também”, conta.

A iniciativa foi tão bem sucedida que, no final do ano passado, a equipe do Educom.rádio teve a satisfação de ver sua proposta se tornar lei. Agora, como nos conta nesta entrevista o professor, alguns órgãos municipais da cidade de São Paulo ligados às áreas de cultura, educação, esporte e meio ambiente terão a educomunicação como filosofia norteadora de suas ações. “Uma escola que pratica a educomunicação se caracteriza pela alegria de seus membros, pelo dinamismo e criatividade de suas práticas pedagógicas”, defende.

Como foi a experiência do Educom.rádio?

O Educom.rádio (*Educomunicação pelas ondas do rádio*) foi um projeto desenvolvido pela prefeitura de São Paulo, com a assessoria do NCE-ECA/USP, entre 2001 e 2004, destinado a introduzir a educomunicação nas escolas, levando a linguagem radiofônica para 455 estabelecimentos públicos do Ensino Fundamental, mediante a formação de aproximadamente 11 mil educadores, atendendo, neste universo, professores, estudantes e membros da comunidade escolar. Para garantir o mesmo serviço a cada escola a ao longo de três anos e meio, o NCE desenvolveu um trabalho de formação de mediadores, de modo a garantir um serviço eficiente e comprometido com as necessidades da rede municipal paulista. A avaliação positiva do trabalho desenvolvido levou a Câmara Municipal a criar a Lei Educom, sancionada em 28 de dezembro de 2004, mediante a qual caberá ao poder público manter a educomunicação como filosofia de trabalho em secretarias como a das Culturas, a de Esportes e Lazer, a de Saúde, a de Meio Ambiente e a de Educação.

Por que o rádio foi escolhido como um dos principais focos de trabalho do projeto?

Como o objetivo do projeto era o de formar membros da comunidade para que adotassem postura mais aberta para as relações comunicacionais, optou-se pelo uso da linguagem radiofônica, justamente por valorizar a cultura oral de todos os membros das comunidades escolares. Ao longo do curso, outras linguagens passaram a ser valorizadas. Como parte do projeto, caberia à prefeitura adquirir, para cada escola, um equipamento de produção e transmissão radiofônica (um equipamento que garante uma produção de qualidade, permitindo a emissão para ondas cativas, sintonizadas em caixas receptoras). O fato da administração municipal não ter podido cumprir com o compromisso de adquirir o equipamento para todas as escolas (240 o receberam, enquanto as restantes 205 ainda o aguardam, na expectativa de que a nova administração compreenda a necessidade de dar prosseguimento ao projeto) não impediu o NCE de desenvolver o curso trabalhando apenas com gravadores de mão, uma vez que o essencial estava disponível: a motivação para o envolvimento numa rica experiência de convívio e de ação comunicativa compartilhada.

O que de mais relevante o senhor acredita que a prática da Educomunicação pode trazer para professores e alunos?

Vou usar a palavra de Rodolfo, um dos adolescentes que entrou no projeto para “detoná-lo”, e que, ao final, em depoimento à produtora do vídeo “Histórias de jovens educadores”, afirmou: **“A Educomunicação traz principalmente paz”**. É isso mesmo, traz paz e compromisso com a história de cada membro da comunidade, valorizando suas formas de expressão, sua cultura, e ampliando a capacidade de todos de se comunicarem. Traz também muito respeito pelo trabalho feito pelos profissionais da mídia, que não são apenas criticados, quando manipulam a informação, mas que são valorizados quando contribuem com sua arte para aproximar as pessoas e valorizar as riquezas do país. Uma escola que pratica a educomunicação se caracteriza pela alegria de seus membros, pelo dinamismo e criatividade de suas práticas pedagógicas e pela riqueza de expressão artística e cultural de seus membros.

A educomunicação manifesta-se por meio de áreas específicas de intervenção socioeducacional, como a mediação tecnológica, por intermédio da qual os recursos da informação, como a imprensa, o rádio, a produção videográfica e a internet, são introduzidos no espaço educativo.

Sonia Virgínia Moreira*

Rádio, mídia local em transformação

Entre as características do rádio, duas destacam-se em especial: é meio de comunicação com alcance predominantemente local e estimulador, por essência, da imaginação. Por meio do rádio, comunicadores e ouvintes compartilham ambientes, opiniões, experiências. Não por acaso, muitos identificam no rádio um “companheiro”: no conjunto da mídia de massa, é o único a acompanhar atividades cotidianas de modo quase imperceptível. Há quem estude ou leia ouvindo rádio; há quem cozinhe ou faça refeições ouvindo rádio; há quem durma ou acorde ouvindo rádio – além daqueles que dirigem no trânsito, daqueles que assistem partidas de futebol e daqueles que trabalham no comércio, em consultórios médicos, em empresas.

Com tais atributos, o rádio desempenha papel essencial na disseminação da informação e na divulgação de eventos. Em termos gerais, nenhum outro meio de comunicação conseguiu superar a agilidade do rádio. Há quem argumente que a internet é forte concorrente nesse quesito, mas nem tudo que vemos ou lemos na rede mundial é confiável: é preciso conhecer a fonte. O rádio, com quase 90 anos de existência, utiliza mecanismos de apuração amplamente testados que lhe conferem credibilidade.

Depois dos Estados Unidos, o Brasil é o segundo país do mundo com maior número de emissoras de rádio em operação. Em 2004 funcionavam no País mais de 3.500 emissoras distribuídas de acordo com a seguinte classificação: comerciais (transmissão em AM, FM e ondas curtas); educativas/universitárias (FM); comunitárias (baixa potência); religiosas (AM, FM); estatais (AM, FM, ondas curtas) e legislativas (FM). Apesar da força exibida em alcance e versatilidade, o emprego do rádio para fins educativos ainda hoje é bastante restrito e está distante da missão educacional que levou Edgard Roquette Pinto a fundar, em 1923, a primeira estação a funcionar regularmente no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A alternativa comercial surgiu com força em 1932, depois de Getúlio Vargas instituir por decreto a publicidade radiofônica. Além disso, o barateamento do custo dos receptores, a difusão das revistas que incentivavam a formação de técnicos em eletrônica por correspondência, a pres-

são dos fabricantes de equipamentos estrangeiros interessados em ampliar o mercado de consumidores e a localização estratégica do país na América do Sul foram fatores determinantes – numa síntese da conjuntura da época – para a adoção do modelo de rádio norte-americano pelas emissoras brasileiras. A origem do rádio comercial no Brasil resultou, assim, da substituição de um padrão (educativo nacional) por outro (comercial estrangeiro). No fim da 2ª Guerra Mundial, em 1945, o modelo de rádio americano estava incorporado ao rádio brasileiro, que se consolida como meio comercial de propriedade privada, em canais distribuídos pelo Estado por meio de concessões provisórias e renováveis.

Essa evolução suprimiu a avaliação, pelo Estado e pela sociedade, das chamadas emissoras públicas de rádio – nas quais o controle é exercido pela comunidade, pelo cidadão, tendo em vista o interesse geral. Apenas na década de 1990 o debate sobre a pertinência dos canais públicos de rádio entraria na pauta de demandas de setores organizados da sociedade. E neste ponto reside hoje um dos desafios que se apresentam para o rádio brasileiro, uma vez que o conceito de emissora pública demanda uma redefinição das fronteiras entre o público e o privado no âmbito das transformações do Estado, da sociedade e dos meios de comunicação.

Para que emissoras públicas sejam implantadas no Brasil é imprescindível que os legisladores efetivamente trabalhem para a atualização (e reorganização) do marco legal da radiodifusão. Além disso, o uso das tecnologias como suporte para o desenvolvimento da área de radiodifusão permitirá ampliar o ingresso daqueles que – ainda hoje e apesar de todo o progresso tecnológico – se mantêm à margem de bens educativos e culturais. Em tais condições será possível alcançar o principal objetivo desse meio de comunicação: contribuir para o exercício pleno da democracia.

* Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na área de radiodifusão.



Um caleidoscópio coreográfico

Projeto da prefeitura reúne profissionais de vários estilos de dança em torno do **aperfeiçoamento técnico e da pesquisa**

Uma experiência interessante é visitar o Centro Coreográfico do Rio, projeto da prefeitura levado a cabo pela Secretaria das Culturas. Inaugurado em meados do ano passado e ocupando um belo e sofisticado espaço numa **antiga fábrica de cerveja** na Tijuca, o local tem vocação para o diverso, o plural. Em seus 4.000 metros quadrados de área circulam profissionais da dança de variadas origens sociais e culturais e com os mais diferentes tipos de corpos. É comum nos enormes salões de ensaio – 150 metros quadrados e pé-direito triplo – ver esguios bailarinos de formação clássica experimentando uma série de movimentos com dançarinas do ventre ou com dançarinos de salão.

Promover o encontro das diferenças ou dos diferentes é o mote do projeto carro-chefe do centro, o Ateliê Coreográfico. Pioneiro em sua proposta de reunir profissionais dos mais diferentes esti-

los, origens sociais, físico e faixa etária em busca do aperfeiçoamento técnico e da troca de informações sobre a dança, o Ateliê entra em seu segundo ano ampliando seu horizonte. Se no ano passado foram oferecidas 100 vagas para bailarinos ou estudantes de artes ligados à dança cursarem gratuitamente aulas práticas e teóricas, este ano são 90 vagas na Tijuca e 60 numa nova turma em Realengo, no campus da Universidade Castelo Branco, Zona Oeste.

Cidadania - A idéia do Ateliê é desafiadora. Realizar um trabalho prático e teórico com pessoas tão diversas é, segundo a coreógrafa e diretora do centro, Regina Miranda, uma experiência cidadã. “São pessoas de corporalidades diferentes, idades diferentes, origem social diferente que convivem, dialogam, experimentam e criam juntas em total igualda-

A antiga fábrica de cerveja foi construída no início do século XX em estilo clássico da arquitetura industrial inglesa. O prédio foi tombado em 1994 e todo reformado recentemente para abrigar o Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro. O complexo arquitetônico do centro inclui cinco pavimentos, num total de 4.000 metros quadrados; duas salas de ensaios de 150 metros quadrados cada; sala para documentação e preservação da memória da dança; sala de conferências; três apartamentos para artistas e professores visitantes; sala reversível com capacidade para 100 pessoas; e espaço cênico com palco especial e capacidade para 224 pessoas.

O projeto Ateliê Coreográfico oferece aos participantes a oportunidade de pesquisar um acervo multimídia sobre a memória da dança e realizar um intercâmbio de informações com profissionais visitantes de várias partes do Brasil e do mundo.

des de condições”, observa. “E que não ficam submetidos aos tradicionais padrões da dança acadêmica”, completa Marina Salomão, gerente de projetos artísticos do centro.

Talvez essa experiência não seja confortável para muitos dos participantes, mas certamente é estimulante e inspiradora para todos, como atesta a bailarina Fernanda Calomeni, 22 anos. Ela desenvolveu em uma das atividades do Ateliê uma coreografia com um colega cadeirante. “Experimentei ir além das minhas possibilidades corporais com este trabalho. Isso sem dúvida ampliou minha visão da dança e das artes em geral”. Segundo Daniele Calichio, “a sensação é a de que o Ateliê pretende alargar o universo do bailarino até torná-lo um intérprete, uma vez que lhe oferece não somente a possibilidade de obtenção de novas habilidades corporais, mas também interpre-

tativas”, em artigo publicado na revista “Gesto”, publicação do Centro Coreográfico do Rio de Janeiro.

Como Fernanda e Daniele puderam experimentar, a rotina dos selecionados para o projeto é intensa. De segunda a sexta-feira, eles dividem o tempo entre aulas teóricas e práticas sobre variados estilos e tendências da dança. Entre o grupo de participantes há ainda uma seleção de 15 profissionais que irão integrar o Grupo Profissional do **Ateliê Coreográfico**, que recebem uma bolsa de pesquisa. Há aulas públicas, ensaios coletivos e apresentações envolvendo todo o grupo no final do curso.

Só a título de curiosidade, na versão 2004 do Ateliê 500 profissionais se inscreveram: 100 foram selecionados e 56 se formaram. Muitos estão no mercado. ■

NO ANO PASSADO REGINA MIRANDA COORDENOU A SELEÇÃO DE PROFISSIONAIS DO ATELÊ COREOGRÁFICO



Serviço

Centro Coreográfico da
Cidade do Rio de Janeiro
Rua José Hígino, 115 -
Tijuca
[www.rj.gov.br/
centrocoreograficodorio/](http://www.rj.gov.br/centrocoreograficodorio/)
Informações: (21) 2570-1247



Monte sua rádio escolar

É preciso duas mesas, um amplificador, duas caixas de som, um microfone, um CD Player, um gravador e **muita animação**.



Ao fundar a primeira emissora de rádio brasileira, em 1923, o antropólogo Roquette Pinto tinha em vista o potencial educativo dessa mídia. Hoje, seu ideal é retomado em novo formato. Professores das escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro estão descobrindo o rádio como recurso não apenas para difundir informações, mas também para facilitar o processo de constituição de conhecimentos, tornar o espaço escolar mais atraente e ajudar os alunos a desenvolverem uma postura crítica. Isso acontece quando os alunos saem da posição de meros ouvintes e se tornam criadores e produtores dessa mídia.

Um par de mesas, um amplificador, duas caixas de som, um microfone, um CD Player, um gravador e muita animação são os itens que não podem faltar para montar uma rádio. É necessário, primeiro, definir uma sala na escola. Na falta dela, duas mesas para apoiar os equipamentos e uma estante para o material a ser usado no dia-a-dia são suficientes. Um amplificador, caixas de som (o número vai depender da quantidade de salas para onde se quer transmitir), microfones, CD Player para reproduzir músicas e um gravador são os equipamentos mínimos. Mas outros, como mesa de som ou **mixer (1)** e toca-discos de vinil (embora ultrapassado, é um

(1) Aparelho que possibilita a mixagem das músicas, a alternância das vozes e a presença de mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo.

recurso que ajuda no trabalho da rádio) também podem ser utilizados. Sem falar no computador que, com a ajuda de alguns softwares e um microfone, pode fazer o serviço quase sozinho (esta formatação exige outros conhecimentos e orientações).

Instalação - Recomenda-se chamar um técnico para fazer as conexões necessárias. As caixas de som, por exemplo, devem ficar posicionadas, estrategicamente, em locais onde possam atingir maior número de ouvintes. Para cada transmissão, há a necessidade de um apresentador ou locutor, um redator, um repórter para apurar, entrevistar e escre-

ver as notícias, um operador de áudio, um produtor e os DJs (disc-jóqueis), responsáveis pela programação musical. Todo o trabalho deve ser acompanhado por um professor. A Secretaria Municipal de Educação, pelos pólos de Educação pelo Trabalho, oferece cursos de atualização e dá suporte para a criação de rádio escolar.

O horário de transmissão vai depender de uma conversa entre o professor que estiver coordenando a rádio e a direção da escola. A programação, na maioria das unidades, vai ao ar na hora do recreio. No mais, é só ter muita disposição e dar asas à criatividade. ■

Fique de olho e....

- ... verifique os equipamentos existentes na escola e os que necessitam ser adquiridos;
- ... faça um anteprojeto estabelecendo, em linhas gerais, os passos para a criação da rádio escolar;
- ... sensibilize a direção da escola, os professores e os alunos: Integre a rádio ao Projeto Pedagógico;
- ... reúna os potenciais participantes da equipe para discutirem que rádio é essa e como vai funcionar – nome, slogan, funções, tarefas, programação, linguagem, formato de programas etc.;
- ... promova concurso de nome e slogan da rádio, mobilizando a escola;
- ... sensibilize a equipe com dinâmicas diversas. Dentre elas, proponha a audição de programas de rádio para análises críticas e oriente sobre a programação, funções, técnica, equipe e tudo o que está por trás de um programa de rádio;
- ... medeie a criação do projeto de rádio com finalidade pedagógica, visando ao enriquecimento cultural contínuo e ao desenvolvimento de uma postura crítica em relação à mídia;
- ... proponha o trabalho com uma metodologia que inclua, por exemplo, reuniões de pauta, confecção de roteiros, pesquisas, produção, gravação, edição e avaliação;
- ... realize experiências práticas e exercícios radiofônicos antes de colocar os programas no ar;
- ... implante a rádio em etapas, mas com objetividade, considerando o público a quem se destina, o dinamismo, a criatividade e a consistência de cada programa elaborado. A cada programa que for ao ar, faça uma avaliação com toda a equipe.

Consultoria: Zé Zuca, educador e coordenador das oficinas de rádio de Salas de Leitura, promovidas pela MULTIRIO.

Nas ondas da Rede

- Rádio Tagarela – Escola Municipal Waldir Azevedo Franco – Bangu (8ª CRE)
- Rádio Grandjean – Escola Municipal Grandjean de Montigny – Pavuna (6ª CRE)
- Rádio Alegria – Escola Municipal Ariosto Espinheira – Penha (4ª CRE)
- Rádio MPB – Escola Municipal Mário Paulo de Brito – Irajá (5ª CRE)
- Rádio Recreio – PET José Emygdio de Oliveira – Osvaldo Cruz (5ª CRE)
- Rádio Harmonia – Escola Municipal Professor Zituo Yoneshigue – Ricardo de Albuquerque (6ª CRE)

Interação com todas as unidades

Coordenadoria atende cerca de 12% do alunado da cidade

9ª Coordenadoria valoriza a representatividade e **sonha com nova sede**

Os trabalhos da 9ª Coordenadoria Regional de Educação abrangem os bairros de Cosmos, Inhoaíba, Campo Grande, Augusto Vasconcelos, Santíssimo e Benjamim Dumont, localizados na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. São 103 unidades escolares, 13 creches municipais e cinco núcleos de extensão. "Aqui trabalhamos valorizando a representatividade e observando as peculiaridades de cada região", conta a coordenadora Aliane Vera Ferreira Pereira.

Um dificultador é a falta de espaço físico, já que o prédio da 9ª CRE é adaptado. Alia-se o problema da violência em algumas comunidades e a falta de construções de escolas para atender as demandas. "Mesmo assim, garantimos a fidedignidade das orientações do nível Central, implementando o trabalho educacional", acrescenta a professora. Para ela, seu papel como coordenadora é de fundamental importância para o êxito escolar. "Mantenho aberto o diálogo, estreitando parcerias e tendo sempre respostas às solicitações, com segurança nas ações e inovando sempre que possível".

Caminhos - Interagir com as unidades, trocando experiências, despertando talentos e promovendo educação de qualidade é o caminho encontrado pela 9ª CRE para atingir um trabalho de qualidade. "E, neste processo, o educador se transforma em mediador, instigando o saber nas diferentes instâncias, integrando e divulgando a experiência humana, visando o sucesso", enfoca Aliane, que aguarda, para 2005, uma intervenção na rede física de algumas escolas, a fim de adequá-las às novas unidades em áreas onde há grande demanda de matrícula.

Para a agente de administração Rita de Cássia Molinaro Gonçalves, o trabalho na 9ª CRE exige responsabilidades e é a partir daí que surgem as dificuldades do dia-a-dia. "Há pessoas que não entendem nosso compromisso e nos julgam pela maneira que cumprimos nossos deveres. A essas dificuldades podemos também ligar os pontos positivos, pois através deles crescemos. E quando nos tornamos mais responsáveis procuramos ser mais competentes naquilo que fazemos e, com isso, somamos um conhecimento maior". ■



Serviço

9ª Coordenadoria Regional de Educação
 Coordenadora: Profª Aliane Vera Ferreira Pereira
 Rua Amaral Costa, 140 - Campo Grande
 Fones: (21) 2413-3195 / 2413-3702 / 2413-7385 / 2413-5605 / 2413-2025
 e-mail: cre09@pcrj.rj.gov.br

A distância da 10ª CRE

Longe do centro da cidade, **coordenadoria sofre** com rotatividade de funcionários



Distante dos bairros centrais do Rio de Janeiro, a 10ª Coordenadoria Regional de Educação abrange as regiões de Santa Cruz, Paciência, Sepetiba, Pedra de Guaratiba, Ilha de Guaratiba, Cosmos, São Fernando, Guaratiba, Barra de Guaratiba e Jardim Maravilha, na Zona Oeste da cidade. “Essa distância cria uma rotatividade dos recursos humanos, gerando a necessidade de capacitação constante e dificultando a continuidade dos trabalhos. Estamos sempre recebendo novo quadro de profissionais em estágio probatório, o que representa um eterno recomençar”, revela a coordenadora Maria das Graças Müller de Oliveira Gonçalves.

Para ela, os trabalhos da CRE têm a missão de assegurar o direito básico à educação de qualidade, garantindo a formação de cidadãos conscientes do papel transformador da sua realidade. “Dentro de uma proposta democrática, o trabalho da 10ª Coordenadoria visa à construção da autonomia da escola, um processo que se desenvolve mediante uma ação coletiva competente e responsável, fortalecendo as relações internas e com a comunidade”, acredita. Fazer parte desse “maquinário” é gratificante, segundo a secretária Isabel Cristina Linhares Leite. “Cada divisão consegue

se harmonizar com a outra, com alto astral, bom humor e responsabilidade. Há uma grande parceria entre todos e desta forma o trabalho flui e dá certo”, conta.

Compromisso - A 10ª CRE engloba 105 escolas, 33 creches, um Clube Escolar, dois Pólos de Educação pelo Trabalho e um Núcleo de Atendimento na Cidade das Crianças. Maria das Graças acredita que conciliar a competência técnica com a competência política é fundamental em seu papel como coordenadora. “É necessário ter compromisso social com as comunidades atendidas, ter perfil articulador e mobilizador junto aos demais órgãos e parceiros e ser um grande líder na região em que atua”, avalia.

Para 2005, as principais metas da 10ª CRE são melhorar cada vez mais os índices do desempenho escolar, reduzir ainda mais o índice de evasão e ampliar a oferta de vagas, principalmente na Educação Infantil. “Na pré-escola já universalizamos o atendimento às crianças de cinco anos e nosso objetivo maior é universalizar também a matrícula de quatro anos”, conta a coordenadora, que comemora também a inauguração de mais uma escola em Guaratiba e quatro creches em Santa Cruz. ■

Serviço

10ª Coordenadoria
Regional de Educação
Coordenadora: Maria das
Graças Müller de Oliveira
Gonçalves
Avenida Padre Guilherme
Decaminada, 71 – Santa
Cruz
Fones: (21) 2418-2885 /
3395-0907 / 3395-0033 /
3395-1495
e-mail:
cre10@pcrj.rj.gov.br

Escola e alfabetização

Muito mais do que a simples aquisição do sistema de leitura e escrita das sociedades que o utilizam (grafocêntricas), a alfabetização urge ser tratada como um processo permanente de construção de conhecimento ao longo de toda a vida do indivíduo. Como processo, não pode ser encarada num momento isolado da vida do aluno, mas deve ser concretizada durante toda a trajetória de sua vida.

Para Paulo Freire, a alfabetização deveria ser concebida como um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores. Dessa maneira, o indivíduo alfabetizado já não mais seria visto como um objeto, mas como um sujeito capaz de criar e modificar a realidade: um sujeito histórico, com habilidades para pensar e discutir a respeito de sua condição no mundo.

Eis o papel fundamental da escola, segundo Freire. O processo de alfabetização política pode ser uma prática para a “domesticação dos homens”, ou uma prática para sua libertação. A escola deve exercer um *esforço de humanização* para que os indivíduos realizem a utopia¹ da conscientização, para a realização de seu compromisso histórico.

A educação deve favorecer a visão crítica e dinâmica do mundo, permitindo desvelar a realidade, para que os indivíduos possam desmascarar a mitificação desta, e chegar à plena realização do trabalho humano: *a transformação permanente da realidade para a libertação dos homens*. (Paulo Freire, *Conscientização*, 2001, pg. 29)

Isso se dá a partir da experiência que o aluno tem em seu *contexto real*. Assim, a escola mais do que nunca deve valorizar a vivência deste aluno. Ele não irá tomar consciência da reali-

dade ou de si mesmo, se a escola negar tais aspectos. Só o próprio sujeito da história será capaz de transformá-la e para que isto ocorra é necessário que ele mesmo seja capaz de fazer uma reflexão sobre a realidade. Ninguém poderá fazer isto em seu lugar.

Por esta razão, a educação deve estar aberta para permitir que o indivíduo chegue a ser sujeito, constituindo-se como pessoa, capaz de transformar o mundo, de estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, de criar cultura e história. Para isso, a educação deve estar comprometida com a libertação, devendo rever profundamente os sistemas, os programas e os métodos que muitas vezes deixam de lado o aluno, tornando-o objeto, e ignoram sua realidade histórica.

Paulo Freire afirma a importância de se desafiar a consciência crítica, desde o começo do processo de alfabetização. É preciso instigar a intencionalidade da consciência, ou melhor, o poder de reflexão. Em seu trabalho, nas discussões durante as aulas, nos círculos de cultura, Freire foi percebendo como aqueles homens, seres individuais concretos, foram reconhecendo-se a si mesmos como criadores de cultura.

¹A utopia para Paulo Freire não é irrealizável, mas é a dialetização dos atos de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante.



Esta tomada de consciência não ocorre antes ou depois da alfabetização, mas se dá concomitantemente ao processo. *O analfabeto chega a compreender que a falta de conhecimento é relativa e que a ignorância absoluta não existe.* (Paulo Freire, *Conscientização*, 2001, pg. 54). Isso acontece quando há uma valorização daquilo que o sujeito traz para a escola. Quando o indivíduo percebe, nas discussões, que o que vive, pensa e faz tem um sentido e uma importância, sua atuação frente à realidade passa a ser a de alguém que questiona, interfere, modifica.

É importante ressaltar o significado da cultura popular. A falta de escolarização não pode ser encarada como ausência de cultura. O analfabeto não é iletrado. Ao contrário, ele envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. Entretanto, numa sociedade grafocêntrica, é relevante que o sujeito apreenda os mecanismos para que conquiste sua cidadania plena. Por isso, é tão importante que a escola valorize todas as potencialidades dos indivíduos, efetivando um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades, para que todos tenham acesso a informações, manifestações culturais, troca de experiências etc.

Muitas vezes, a alfabetização é tratada como uma simples aquisição de um instrumental mecânico, ainda decodificadora e fragmentada, apesar dos estudos acerca da questão e do desenvolvimento de novas metodologias. É o domínio da *cotidianidade*, trazido por Freire, que

deve ser apreendido pela escola. Levar em consideração a leitura de mundo do educando é muito mais do que ouvi-lo e demonstrar interesse. É preciso aproveitar tais conhecimentos durante as aulas. Relacionar a vida aos conteúdos trabalhados. Garantir o significado dos temas, mostrando como são aplicáveis à prática. Reconhecer que o que acontece em casa, na rua, no ônibus, o que é transmitido na TV, no rádio, nos jornais, tem relação com aquilo que se aprende na escola.

Se a leitura e a escrita não estiverem a serviço do mundo, nada adianta sua existência. A alfabetização não caminha sozinha, mas coexiste com a sociedade, como instrumento desta para que o indivíduo se locomova e atue conscientemente do seu papel no mundo. Neste sentido, estar alfabetizado garante um outro modo de ver, de viver neste mundo. Entretanto, não basta estar alfabetizado para que ocorra uma transformação. Principalmente porque o desejo de mudar o mundo independe de o sujeito estar alfabetizado ou não. Da mesma maneira, o indivíduo pode estar alfabetizado e permanecer em sua mesmice, ignorando a realidade a sua volta.

Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como escrever o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo. (Freire e Macedo, *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, 1990, XV) ■

Jaqueline Luzia da Silva, professora da E.M. Professor Paulo Freire e CIEP Ministro Gustavo Capanema - E/4ª CRE

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 4 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

anote na agenda

12º PRÊMIO COMDEDINE DE PESQUISA ESCOLAR

Organizado pelo Conselho Municipal de defesa dos Direitos do Negro (Comdedine), o prêmio tem como objetivo incentivar a iniciação científica entre os alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Este ano, o prêmio terá como eixo temático a saúde da população negra e contará com uma categoria específica para professores. A inscrição deve começar em 13 de maio e a premiação acontecerá em 14 de novembro.

HOMENAGEM À CLARICE

A escritora Clarice Lispector é tema de uma exposição no Instituto Moreira Salles (IMS). A mostra, realizada em parceria com a Fundação Casa de Rui Barbosa, faz uma breve fotobiografia da autora e traz uma seleta das primeiras edições de seus livros. Até 8 de maio na Sala 1 do IMS.

Instituto Moreira Salles - Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 476 -
Gávea - tel.: 3284-7400

A programação e a grade completa da mostra podem ser vistas no site www.ims.com.br

IV ENCONTRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Com o tema *Caminhos e leituras*, o Encontro promete conscientizar os ouvintes para a importância da leitura, não só como instrumento de aprendizagem, mas também de entretenimento. O Encontro, que acontece de 3 a 5 de maio, é organizado pela Faculdade de Letras da UFRJ. A inscrição de ouvinte sai por 30 reais e o número de vagas é limitado.

UFRJ - Faculdade de Letras
Sala Monteiro Lobato (Sala D-218)
Mais informações pelo e-mail literinfantil@yahoo.com.br e no site www.letras.ufrj.br/index/noticias/noticia/literaturainfantil.html

PÓS-GRADUAÇÃO

Estarão abertas, até o dia 31 de março, as inscrições para os cursos de pós-graduação do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação. Entre outras opções estão os cursos de Educação Psicomotora, Psicopedagogia, Sexualidade e Drogas – tratamento e prevenção. A inscrição custa 50 reais e a mensalidade varia de acordo com o curso. Mais informações no site www.ibmr.br

IBMR - Instituto Brasileiro de Reabilitação
Praia de Botafogo, 158 - Botafogo
Tels: 2552-8096 / 2552-5295

OFICINAS

A Caravana Cultural Funarte Dias 2 e 3 de abril (sábado e domingo), às 20h, no Espaço Cênico. A Caravana Cultural Funarte apresenta ainda oficinas com a Quik Cia. de Dança, no dia 26 de março (sábado), das 14h às 17h, com o Grupo Gestus, no dia 29 de março (terça-feira), das 19h às 21h, e com a Domínio Público Cia. de Dança, dias 2 e 4 de abril (sábado e segunda-feira), das 10h às 12h.

Centro Coreográfico
Rua José Higino, 115 (junto ao Hipermercado Extra) - Tijuca
ccoreograficorio@rio.rj.gov.br

TEATRO INFANTIL

A peça "As galinhas: um musical de penas" discute um assunto recorrente nos dias de hoje: as dificuldades financeiras de todos nós. "As galinhas" é dirigida por Dinho Valladares e está em cartaz na sede da Cia. de Teatro Contemporâneo. Alunos e professores de escolas públicas pagam meia-entrada com apresentação de carteirinha (R\$ 5). Professores acompanhados de grupo com mais de 15 alunos não pagam.

Cia. de Teatro Contemporâneo
Rua Conde de Irajá, 253 – Botafogo
Informações: 2537-5204
www.ciadeteatrocontemporaneo.com.br

Livros



Rádios Comunitárias

Paulo Fernando Silveira
 Editora Del Rey, 2001

Existem cerca de 20 mil rádios comunitárias em funcionamento no país, a grande maioria sem autorização governamental. Este livro pretende demonstrar a legitimidade de sua existência, como expressão do direito fundamental à comunicação em sua dimensão binária (direito de informar e de ser informado), bem como evidenciar a competência municipal para legislar sobre a matéria.



Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil – Vol.1

David José Lessa Mattos
 Editora Codex, 2004

Este livro traz fragmentos de uma história de mais de 50 anos, contada pelos principais artistas e profissionais que atuaram no rádio e na televisão brasileiros nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Estas histórias entretêm, no seu formato de entrevista, e exercem o importante papel de colaborar para a preservação da memória da produção cultural do país.



A Informação no Rádio – Os Grupos do Poder

Gisela Swetlana Ortriwano
 Editora Summus, 1985

Uma análise da natureza da informação no rádio, começando com a própria definição de notícia. A autora examina como a política, a economia e a legislação da radiodifusão determinam os conteúdos. Mostra como estruturar um Departamento de Jornalismo, descrevendo as funções e a nomenclatura própria.

Filmes



A Era do Rádio

Woody Allen, 1987

As divertidas e comoventes lembranças de um garoto e sua família judia na década de 1940, pontuadas pela presença constante do rádio.

Vídeos



Programa Nós da Escola - MULTIRIO

Programa 55 – matéria: alunos visitam e acompanham o dia-a-dia de uma rádio profissional
 Programa 106 – matéria: “Oficina de rádio” e “Rádio tagarela”



Programa Rio, a Cidade! - MULTIRIO

Programa 591 – Rádio para crianças e adolescentes na África e América Latina
 Programa 655 – Cantores do rádio



ABRIL

NA MULTIRIO

NOVA PROGRAMAÇÃO

ENCONTROS COM A MÍDIA



ATLETAS DO RIO



MEMÓRIAS CARIOCAS



E INÉDITOS DAS SÉRIES
ABRINDO O VERBO,
NÓS DA ESCOLA E
GERÚNDIO & CACÓFATO

www.rio.rj.gov.br/multirio

Net - canal 14, de segunda a sexta, das 7h30 às 13h30,
e aos sábados e domingos, das 7h30 às 11h30

BandRio - de segunda a sexta, às 7h e às 14h,
e aos sábados e domingos das 9h às 10h





NÓS DA ESCOLA

**No próximo número:
Leitura e formação de leitores**